

### III

## A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

*Remi Maria Zanatta Benatti*

*Patrícia Rodrigues de Almeida*

*Hildegard Susana Jung*

### Introdução

A escola cada vez mais necessita considerar a diversidade dos estudantes, suas necessidades, desejos e sonhos de um mundo melhor para se viver. A educação se faz com projetos de vida e nela empenhamos as nossas mais relevantes emoções e sentimentos. Aprender com significado para a vida exige resiliência e abertura aos outros, portanto, desde a tenra idade expressamos nossa afetividade diante do mundo em que vivemos. Vida humana e afetividade são indissociáveis, pois é por elas que a interação acontece entre as pessoas e o meio que as cerca. A escola como espaço de socialização, de interação e produção de conhecimento exerce o papel de mediadora do conhecimento significativo, acolhendo as pessoas em seus diferentes contextos sociais, relacionais e interativos, que se estabelecem naquele meio.

Nessa caminhada, nos deparamos com ideias, métodos e estratégias de ensino que fortalecem e dão sentido ao pensar e ao fazer a educação nos tempos atuais. Para contextualizar o pensamento dos educadores que dialogam conosco neste artigo, queremos aproximar o conceito ou entendimento da afetividade nos espaços formais de educação. O objetivo do presente estudo é refletir sobre a importância da afetividade nos processos de aprendizagem significativa desde o início da escolaridade. Entendemos que aprender é uma ação resultante dos processos de interação da pessoa humana em diferentes contextos e ambientes nos quais se insere. Destacamos que tais processos de aprendizagem se constroem provocados por fatores externos e internos, ou seja, emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

A metodologia que elegemos, de abordagem qualitativa, encaixa-se numa pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2019), tem a sua elaboração baseada em material já publicado. Para o autor, “[...] toda a pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica” (GIL, 2019, p. 4), pois segue uma série de etapas: “a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto” (GIL, 2019, p. 42).

A motivação com relação ao tema da afetividade para uma aprendizagem significativa está intrinsecamente ligada à profissão docente e, portanto, permeia as interações que acontecem em sala de aula - palco dos acontecimentos. Abordar tal tema é refletir sobre a prática e interação com os estudantes pensando em melhorar a motivação para os estudos, evitar a evasão escolar, promover a aprendizagem e qualificar o ensino. Quando se promovem condições para gerar um vínculo afetivo, o aprender e o ensinar ganham uma nova dimensão. Ao valorizar as relações humanas para o ensino humanizado e a aprendizagem significativa, considerando que o ensinar e o aprender perpassam o vínculo entre os envolvidos, o estudante tem a possibilidade de vivenciar o *como* aprender e não somente o *que* aprender. Nesse movimento, ao relacionar os conhecimentos abordados em aula com as vivências e experiências vividas pelos estudantes, ocorrem aprendizagens significativas.

A história da educação é pautada por constantes e significativas mudanças. Isso acontece devido à participação ativa de vários pensadores, educadores e pesquisadores que se dedicam para pensar a educação de modo que atenda às expectativas de cada período ou época. Buscamos apresentar aspectos e algumas das contribuições educacionais dos pensadores e educadores David Ausubel, Johann Heinrich Pestalozzi, Henri Wallon, Paulo Freire e La Salle.

A arquitetura do texto contempla, após a introdução, o referencial teórico. No primeiro tópico, “Ausubel - relações afetivas e aprendizagens significativas”, refletimos sobre a importância da afetividade nos contextos educacionais sendo, tal espaço, a base dos processos de ensino-aprendizagem; na sequência, “O legado de Pestalozzi”, reforçando que a escola é uma extensão da família, sendo a sua finalidade a educação integral da pessoa; em seguida, “Henri Wallon - educação integral” afirma que o clima emocional é fator imprescindível para a aprendizagem do ser humano; à continuação, “Paulo Freire - transformando realidades” diz que sala de aula e as relações entre educando e educador são uma trama complexa permeada por sentimentos e afetos; ao final, “La Salle - educação para a mudança social” reflete sobre a organização, tempo de aprendizagem e formação para a vida”. Por fim, constam as Considerações Finais e as Referências que embasaram o estudo.

### **Ausubel: relações afetivas e aprendizagens significativas**

A afetividade em contextos de aprendizagem tem sua importância desde as mais tenras idades escolares, pois influencia e é aliada dos processos de aprendizagem significativa que acompanham os estudantes em todas as etapas. De acordo com Ausubel (2000, p. 1), “a aprendizagem por recepção significativa envolve, principalmente, a aquisição de novos significados a partir de material de aprendizagem apresentado”. Ou seja, as relações que se estabelecem em aula propiciam que as aprendizagens sejam ou não significativas para o estudante, pois os interesses relacionados aos conteúdos são únicos para cada um. Sobre a teoria da aprendizagem significativa, Moreira (2011) cita duas condições imprescindíveis para que ela aconteça: primeiro, o material de aprendizagem deve ser potencialmente significativo; segundo, o estudante deve estar predisposto a aprender.

Portanto, a partir da teoria de Ausubel (2000, p.1), “a aprendizagem significativa não é sinônimo de aprendizagem de material significativo”. Aqui existe uma forte relação afetiva com o professor e os colegas, pois nesta visão de aprendizagem, o significado está nas pessoas, e os materiais e ferramentas pedagógicas, seguem num segundo plano. Moreira (2011, p. 25) reforça que “é o aluno que atribui significados aos materiais de aprendizagem e os significados atribuídos podem não ser aqueles aceitos no contexto da matéria”. Complementamos tais ideias com Sarnoski (2014, p. 2), que esclarece:

[...] a afetividade na educação constitui um importante campo de conhecimento que deve ser explorado pelos professores desde as séries iniciais, uma vez que, por meio dela podemos compreender a razão do comportamento humano, pois, a afetividade é uma grande aliada da aprendizagem.

Desta forma, entendemos que a afetividade aproxima o educador do educando na medida em que a pessoa humana é vista na sua singularidade, com seus desejos, saberes e perspectivas de vida em detrimento de priorizarmos os conteúdos que, por vezes, não dialogam de forma significativa com a vida pretendida dos seres humanos envolvidos.

Nesse paradigma, o conteúdo não é foco, mas sim o estudante e suas aspirações, desejos, ideais e protagonismo. Para Ausubel (2000, p. 1), “devido à estrutura cognitiva de cada aprendiz ser única, todos os novos significados adquiridos são, também eles, obrigatoriamente únicos”. Sendo assim, precisamos

considerar outra condição para que haja uma aprendizagem significativa segundo a teoria de Ausubel (2000) que é a predisposição do aprendiz para querer aprender, ou seja, querer fazer relações com os novos conhecimentos. Ponderamos com Moreira (2011, p. 25) que o sujeito que aprende deve se dispor a relacionar “[...] interativamente os novos conhecimentos à sua estrutura cognitiva prévia, modificando-a, enriquecendo-a, elaborando-a e dando significados a esses conhecimentos”.

Ressaltamos a importância da intencionalidade do educador ao promover uma aula com estas singularidades e perspectivas, pois a tarefa oferecida aos estudantes deve conter um potencial significativo no seu contexto de vida. Nesta perspectiva, onde os significados estão nas pessoas, é necessário um olhar refinado, atento e gentil com as diversidades cognitivas dos estudantes, seus desejos e trajetórias de vida. Complementamos com os autores Masini e Moreira (2017, p. 22):

O que se espera que o aluno aprenda pode ser “apresentado” através de computador, plataformas virtuais, sequências de ensino-aprendizagem, livros, práticas de laboratório, games e outras estratégias didáticas. [...] O importante é que dê significados aos conhecimentos que “recebe”, que lhe são “apresentados” em situação formal de ensino e aprendizagem, presencial ou a distância [...] os significados estão sempre nas pessoas, não nas coisas, nos materiais.

Podemos considerar que na teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (2000) o conhecimento prévio dos estudantes é uma referência que o educador precisa considerar, pois rege a capacidade do estudante na sua trajetória escolar. Não basta o encantamento com o assunto, mas a disposição para aprender. Masini e Moreira (2017, p. 30) contextualizam, dizendo:

Em nossa trajetória cognitiva e afetiva muitas vezes temos a boa sensação de que, embora não lembremos de imediato certos conhecimentos que aprendemos em tempos passados, se for preciso, para dar uma aula ou para redigir um texto, por exemplo, facilmente os reaprenderemos porque a aprendizagem foi significativa. [...] Por outro lado, muitos conhecimentos que foram “aprendidos” apenas para reproduzir em testes simplesmente “desapareceram de nossa cabeça” (de nossa estrutura cognitiva) porque a aprendizagem foi mecânica.

Por isso, a sala de aula deve conter uma gama de práticas pedagógicas diversificadas, alinhadas a um clima permeado de novos sentidos, que fomente o aprender. Masini e Moreira (2017, p. 36) relatam que “[...] quando o aluno aprende significativamente, tem uma sensação boa, prazerosa, sente-se “empoderado” e desenvolve uma atitude positiva em relação à matéria de ensino”. Esse fato contribui para que a aprendizagem significativa ramifique para outras situações de aprendizagem ao longo da vida, na contramão da aprendizagem que permanece mecânica, onde a memorização torna-se obsoleta e desaparece da nossa estrutura cognitiva.

## O legado de Pestalozzi

Em sua trajetória educacional, Pestalozzi coloca em prática algo que ele vinha projetando desde a sua juventude: um trabalho pedagógico que pudesse desenvolver o indivíduo tanto nos aspectos físicos quanto psicológicos. Além disso, acreditava que a educação era o espaço capaz de tornar o ser humano autônomo. Se a educação está em constante processo de mudanças, sabemos que a aprendizagem também deve acontecer de diversas maneiras e métodos, onde o professor possa mediar o conhecimento e os alunos mobilizarem competências de uma forma prazerosa e tranquila. Criado o vínculo que aproxima e facilita o processo de ensino-aprendizagem, é o momento de construir o conhecimento a partir de situações práticas, e aqui nos reportamos para a prática que Pestalozzi denominou de *savoir-faire*, ou seja, saber fazer, resolver algo de maneira prática.

Pestalozzi também nos traz que a escola deve ser uma extensão da família, onde muitas vezes o sentimento fraterno é construído de forma segura e afetuosa. Um dos objetivos de Pestalozzi (2008, p.149) era abolir algumas heranças “[...] das escolas tradicionais que forçam os alunos a ficarem sentados, imóveis e calados”. Essa colocação do autor nos faz refletir sobre um método de aprendizagem significativo, no qual o aluno tem autonomia para expor a sua opinião, formando-se um cidadão crítico e seguro. Contudo, ainda vemos em muitas escolas alunos enfileirados, sem a abertura necessária para se expor e para colocar suas ideias, sendo o professor o centro da aprendizagem e o dono do saber.

A educação tem como finalidade a formação integral do ser assentada nas disposições morais, físicas e intelectuais. Já referimos anteriormente que para Pestalozzi o ensino deveria começar pela experiência, pela prática da criança. Nesse sentido, o autor ensina que “[...] toda verdadeira educação deve se basear, de uma parte, desde o seu início, sobre as disposições iniciais e as forças da natureza humana e, de outra parte, sobre os elementos particulares a cada ciência e a cada arte” (PESTALOZZI, 2009, p. 23). Sabemos que não podemos apenas viver e ensinar por meio de um método tradicional, no qual os alunos se encaminham à escola apenas para ouvir o que seu professor tem a passar, mas levar em consideração a natureza humana do educando, entendendo o mesmo neste processo de ensino e observando de forma integral as habilidades que traz para a sala de aula.

Na atualidade, não podemos deixar de mencionar a importância do professor e de sua formação nesse contexto de uma aprendizagem significativa, pois ele tem um papel importante e crucial, sendo um mediador do conhecimento. O mestre tem o “poder” em suas mãos, mas referimos esta palavra não por ser o detentor do poder, o que sabe tudo, mas sim o empoderamento de trazer ao aluno a oportunidade de pensar, debater, posicionar-se perante as opiniões alheias com respeito. Sendo assim, o professor tem grande valia no processo de aprendizagem de seus alunos. Pestalozzi (2008, p. 159) já dizia que:

O mestre não pode ser uma pura ferramenta, distribuidor inanimado de uma matéria morta, semelhante à uma máquina, mas ele deve se colocar ao ponto de vista da criança e mover-se em seu sujeito de maneira a passar de uma verdade a outra, de uma descoberta a outra no mesmo ritmo da criança.

Na pedagogia pestalozziana considera-se que a criança tem um ritmo que lhe é próprio e isso deve ser levado em consideração. Saber entender o aluno não é tarefa fácil para quem construiu sua aprendizagem por meio de um método tradicional, mas devemos estar abertos sempre ao novo e ao melhor para os alunos.

A pedagogia tradicional, na vertente pestalozziana, introduziu a necessidade de sistematização do ensino, de organização didática da aula visando conferir fundamentação teórica ao trabalho do professor. Uma versão interligada à pedagogia tradicional tem servido a um tipo de educação mecânica, unilateral, centrada na figura do professor e no conteúdo, com o aluno como ser passivo. O educador deve prezar pelo seu fazer docente, realizando de forma eficaz, demonstrando respeito pelo educando como um ser de infinita capacidade. O professor deve se apresentar como um mediador que busca em seus afazeres empregar toda a afetividade que o moveu a exercer tal função social. Dessa forma, a partir de suas crenças poderá optar por buscar e criar meios para que não fique nenhum de seus alunos sem esse essencial cuidado que levará ao desenvolvimento das suas várias aptidões.

### **Henri Wallon: educação integral**

Uma das contribuições centrais de Wallon está em dispor de uma conceituação diferencial sobre emoção, sentimentos e paixão, incluindo todas essas manifestações como um desdobramento de um domínio

funcional mais abrangente: a afetividade. Assim, podemos definir a afetividade como o domínio funcional que apresenta diferentes manifestações que irão se formando ao longo do desenvolvimento do ser humano e que emergem de uma base orgânica até alcançarem relações dinâmicas com o cognitivo (WALLON, 1975).

O eu, o outro e as interações vão determinar a personalidade do sujeito e a forma como ele irá interagir com o mundo. Os aspectos emocionais e a maneira como o sujeito vai interagir com as diferentes propostas de atividades são determinadas pelas relações e pelo clima emocional que se estabelece e onde se constrói o campo afetivo. Então, de acordo com esse campo afetivo, o sujeito se empenha mais ou menos, será mais ou menos impulsivo. Nesse sentido, Wallon (1975, p. 159) alude que:

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro.

O ser humano necessita do outro para sua interação, sendo esta construída pelo afeto, pelo respeito pela opinião do próximo e, assim, complementando-se um ao outro no processo cognitivo. O ser humano, na interação com outro ser humano, procura compreender-se como parte daquele meio e nessa ação também ocorrem diferentes aprendizagens. Assim, acontece também entre o educador e o educando, quando destacamos nos processos de aprendizagem ações que contemplam as interações que ocorrem entre os sujeitos e o meio, ou entre educador e educando e, visto que a interação acontece basicamente pelo uso da linguagem ou das linguagens, ou seja, pela troca que se dá entre os atores envolvidos, expressa-se a construção do conhecimento a partir das vivências e experiências que cada um carrega consigo.

Trabalhando a construção de novas aprendizagens com crianças, é fácil identificar as individualidades, ou seja, cada uma tem um potencial diferente, facilidades ou dificuldades muito particulares, e isso nos leva a compreender a importância de construir um trabalho diferenciado para que a aprendizagem ocorra da melhor forma. A compreensão das realidades individuais pressupõe ao educador mediador realizar observações e traçar estratégias de ensino-aprendizagem que se aproximam das singularidades dos educandos. Isso pode acontecer pela comunicação, pela escuta e fala atenta no grupo de trabalho, potencializando os diferentes níveis de interação. Generalizar que as crianças aprendem apenas de uma maneira e se caso não aprendem, é porque têm dificuldades, não contribui para o processo formativo das mesmas. Isso torna o ensino fragmentado, de forma que não há sucesso na aprendizagem. Wallon (2007, p. 198) esclarece que:

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade.

Estar em contato com o outro, interagindo e realizando trocas, fortalece a segurança deste indivíduo para a apropriação do saber. Fazer educação com liberdade, com diálogo, com trocas e com afeto é trabalhar para que mais pessoas possam ocupar espaços de fala e de representatividade, é desafiar os estudantes a aprender participando significativamente sobre o ensinar e o aprender. Nesta dinâmica, o aprendizado precisa ser organizado pelo professor e, na interação com os estudantes, ele tem conhecimento específico para mediar a aproximação aos diferentes saberes. E o estudante, por sua vez, deve elaborar suas próprias aprendizagens com base no que foi dialogado em aula com colegas e professores.

## Paulo Freire: transformando realidades

Quando o estudante vivencia uma formação que foi significativa e, ao mesmo tempo, participa de espaços que oportunizam aprendizagens significativas, ele consegue exercer a sua autonomia e compreender que a aprendizagem não é a mera transmissão de conhecimentos feito pelo educador. Ele percebe que também é responsável pela sua aprendizagem e o envolvimento é consideravelmente mais genuíno, pois entende seu papel no mundo. Já dizia Freire (2020, p. 75) que “[...] ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”. A sala de aula como ambiente rico de interações propicia que sejamos ativos diante do conhecimento e das aprendizagens, fomentando todo o tipo de trocas. Para Freire (2020, p. 67), é muito importante “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para intervir, recriando-a, fala da nossa educabilidade a um nível distinto do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas”.

Dito nessas palavras, aprender é também ensinar e nesse contexto educador e educando são as faces de uma mesma moeda que se completam. Entendemos que a continuidade da formação do estudante ao longo da sua vida tem relação com a afetividade e o vínculo estabelecido entre educador e educando, sendo esta relação inspiradora de aprendizagens significativas relevantes para o desenvolvimento integral do indivíduo. Assim,

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE 2020, p. 96).

Diante do exposto, consideramos que o vínculo educador-educando vai além dos muros da escola, visto que o exercício de ensino-aprendizagem está envolvido por uma relação que abarca sentimentos e afetos. Quando Freire (2020) afirma que aprender é uma aventura criadora, entendemos que, em sala de aula, há um processo dinâmico que se estabelece simultaneamente com possibilidades de ser e estar no mundo mediados pelas aprendizagens significativas. Concordamos com Freire (2020, p. 68) quando afirma que “aprender é construir, reconstruir para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. A afetividade está associada a toda uma trama muito complexa e, para tanto, é preciso gostar de “gente”, com todas as suas especificidades e enredamentos. A interação vem permeada pelo diálogo e pela observação, muitas vezes de maneira individual, estimulando o estudante a querer dar continuidade a sua formação. A interação se dá pela comunicação, pela fala, pelo diálogo, pois:

A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 2020, p. 60).

O diálogo é fundamental para a compreensão do outro, para o compartilhamento de experiências e de respeito ao outro e às diferenças, considerando o que nos traz Freire (1985, p. 36): “[...] o diálogo só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não conhecemos”. Desse modo, adotar uma prática educacional com base no diálogo, no afeto e nas emoções incide em estabelecer ações que permitam a participação do outro no processo educativo. Além disso, escutar o que o outro tem a dizer e a contribuir para o processo de aprendizagem configura-se como um ato de respeito ao saber e à cultura de todos.

Os estudantes de hoje buscam agregar à sua formação os conhecimentos que poderão lhes ser úteis na vida e, para isso, o educador precisa estar preparado e aberto para essa nova configuração que envolve o ensinar e o aprender:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha no seu lugar”, ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2020, p. 58-59).

Não há como ignorar todos os aspectos que permeiam o processo educacional e que, com o passar do tempo, foram mudando. Hoje, o estudante vai em busca de como usar o conhecimento que construiu, além de criar novas possibilidades de aprender, exercendo a sua autonomia e, muitas vezes, transpondo o que foi trabalhado pelo educador em sala de aula.

No entanto, ponderamos com Freire (2020, p. 138) que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor, no exercício da minha autoridade”. Ainda que imbricado em afetividade autêntica com o educando, o propósito será a aprendizagem voltada para uma vida plena, autônoma e cidadã. Ainda com as palavras de Freire (2020, p. 138), concordamos quando declara: “[...] A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver”. Talvez falte à escola mais afetividade, frequentemente apegada às tradições conteudistas e focada em resultados quantitativos, um pouco desta alegria, por isso, é tão premente relembrar a sua importância na educação.

### **La Salle: educação para a mudança social**

João Batista de La Salle e os primeiros Irmãos lassalistas iniciam suas escolas e, ao mesmo tempo que encontram instituições frágeis e descuidadas, eles também percebem que naquele mesmo espaço poderiam transformar o ambiente favorável à missão que estavam se propondo a construir. O propósito das escolas lassalistas é que elas fossem um espaço de formação diferenciado, onde seria possível desenvolver uma educação integral e integradora,

[...] integral porque aborda a totalidade da pessoa, seus hábitos, o cuidado do corpo, as emoções e afetos, as boas maneiras, o desenvolvimento intelectual, a formação dos valores, a dimensão ética e estética, a preparação profissional, a dimensão espiritual expressa na interioridade e no conhecimento de Deus. É integradora porque une teoria e prática, dá unidade e sentido, prepara o cidadão, ou seja, “ensina a bem viver” (IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS, 2020, p. 17).

Para as escolas lassalistas, o afeto tem uma relação muito forte com a ideia de cuidado, além de considerar o afeto como uma estratégia pedagógica, visto que as crianças se sentiriam bem na escola e teriam maior facilidade para aprender. La Salle usa a expressão “mover os corações” (2012c, p. 108 [MD 43,3,2]), ou seja, tornar a aprendizagem afetivamente significativa, pois o propósito é construir a aprendizagem a partir da vida e da realidade dos estudantes, considerando que é nesse contexto que estão seus afetos. Desse modo, é possível aproximar o educando do seu educador, fazendo com que o indivíduo na condição de aprendiz queira estar lá e ter a oportunidade de aprender. Assim, a escola lassalista permitiu ensinar com qualidade no aprendizado.

La Salle construiu as primeiras escolas em um tempo em que havia poucos recursos, mas ele estava disposto e se propôs a realizar um bom trabalho, mesmo com espaço reduzido. A organização é um marco da pedagogia de La Salle e, para atender à demanda da época, foi necessário criar muitas regras e jornada contínua de trabalho. Uma das primeiras precauções foi delimitar um espaço para cada aluno, e La Salle define que, (2012b, p. 259) “[...] cada um dos alunos terá seu lugar assinalado, e não sairá dele, nem o trocará por outro, a

não ser por ordem e com autorização do Inspetor de escolas”. Outro cuidado de La Salle foi pensar no tempo de aprendizagem, evitando que o educando ficasse ocioso, ou seja, em atividade este estudante não perturba o bom ambiente de estudos e também não deixa de construir conhecimentos importantes para a sua vida.

Ao aproximar a educação lassalista aos dias de hoje é possível compreender que a formação escolar, independentemente do nível de ensino, será uma experiência para a vida se ela for significativa. Isso nos remete a pensar o processo formativo alinhado com as realidades dos estudantes, visto que o afeto está na presença dessas vivências que são valorizadas em aula. Assim, torna-se possível encontrar na afetividade ou no afeto uma fonte transformadora do processo de ensino-aprendizagem. Hoje, refletir sobre a pedagogia de La Salle nos conecta com um ideal de educação que pretende universalizar a escola com práticas pedagógicas capazes de assegurar (BRASIL, 1996, art. 2º) [...] “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Assim, nesta perspectiva político-pedagógica da educação moderna, João Batista de La Salle e os primeiros Irmãos das Escolas Cristãs apresentam aspectos para formação de uma escola moderna e um modelo educativo que propõe ampliar a obra de La Salle no espaço educacional.

Ao determinarmos o afeto como uma estratégia pedagógica, ele torna a aprendizagem em um espaço de transformação social. Então, nos questionamos: qual o papel da escola? La Salle, inicialmente, recebia em suas escolas crianças pobres. Sendo uma pessoa com um pensamento humanista, ele revela este pensamento quando afirma que qualquer criança pobre (LA SALLE, 2012a, p. 197) [...] “sabendo ler e escrever, é capaz de tudo”. Ou seja, o processo de transformação do ser humano começa na escola e, para avançar e evoluir, ele precisa se apropriar de diferentes aprendizagens. Diante disso, La Salle encontra na escola o espaço para a mobilização de diferentes saberes e processo de mudança social.

Com a inesperada chegada da COVID-19, a educação, de modo repentino, passou por uma transformação no processo de ensinar e de aprender e, conseqüentemente, as pessoas também se transformaram. Deslocamos o espaço e o tempo que até então era tradicional para o processo formativo - a escola, a sala de aula, o educador, os estudantes - e este foi o primeiro passo dessa transformação, pois a partir da necessidade de mantermos protocolos de saúde, o diálogo entre os atores se deslocou para o espaço virtual.

Diante desse cenário, de maneira generalizada, a educação passou por muitas adaptações. As escolas Lassalistas e demais comunidades educativas organizaram-se para vivenciar uma nova experiência educacional, onde as tecnologias têm como objetivo organizar e potencializar as novas práticas educativas que começam a ser vivenciadas, sem perder a essência da missão, que é o ensino-aprendizagem de maneira significativa. Cientes dos desafios pedagógicos, a relação que se constrói neste novo espaço-tempo de aprendizagem foi conduzida de maneira a manter os laços de afeto e de amorosidade.

## **Resultados e discussões**

No transcorrer da escrita deste trabalho, confirmamos o quanto a afetividade é importante no processo ensino-aprendizagem. O afeto aproxima educando e educador na construção da aprendizagem como um todo, ou seja, é possível identificar o avanço do educando quanto à sua aprendizagem, e também para o educador é possível identificar com mais facilidade as dificuldades que surgem no decorrer do processo. Identificadas as facilidades e dificuldades do educando, o educador busca métodos e estratégias de ensino direcionando para uma aprendizagem significativa.

O afeto contagia. O que queremos destacar com isso é que ao estabelecer vínculo afetivos, ao levar a amorosidade para a sala de aula, o educador é envolvido pelos educandos e, ao deixar as emoções transitarem



em meio à rigorosidade do trabalho pedagógico, permite que esta interfira positivamente nos processos de ensinar e de aprender, além de contribuir para a formação social desses educandos.

Um primeiro passo para construir aprendizagens significativas se dá a partir da valorização dos conhecimentos pré-existentes do educando. Outro aspecto importante é difundir a afetividade nas relações interpessoais, percebendo e respeitando as diferenças, o cuidado com o outro, enfim, construir um espaço de aprendizagem em que o educando possa perceber que, ao aprender com amor e pertencer àquele espaço, a sua aprendizagem será mais eficaz e o trabalho do educador também terá um significado mais amplo. Por fim, vale ressaltar que ao trabalhar com educação, acrescentando na prática docente altas doses de afeto, a construção do conhecimento e a aprendizagem ganham em todos os sentidos.

### **Considerações finais**

Levando-se em consideração o exposto, a escola representa a diversidade dos estudantes, suas paixões e sonhos de viver melhor na sociedade em que se insere. A educação, nesse sentido, torna-se uma oportunidade para o estudante escrever seus projetos de vida. Isso porque nesse ambiente socializamos, interagimos, produzimos conhecimento e, nela, empenhamos os nossos afetos e significamos os processos de ensino-aprendizagem ao longo da escolaridade.

Portanto, a afetividade perpassa todas as etapas escolares, influenciando as nossas ações, permitindo o engajamento ou a falta dele, ao longo de todo o processo ensino-aprendizagem. Compreender o comportamento humano na perspectiva da afetividade contribui com a eficácia da aprendizagem significativa dos educandos. Com tal ideia os educadores valorizam mais a autonomia e projetos de vida dos educandos, promovendo um ambiente mais afetivo e acolhedor, fortalecendo vínculos, facilitando a construção do conhecimento sistêmico e potencializando aprendizagens significativas. Algumas tradições mais conteudistas desaprendem sobre a alegria de viver e querer bem na escola, causando desmotivação e, em alguns casos, evasão. A cognição anda junto com a afetividade e juntas contribuem para uma vida plena, autônoma e cidadã.

Desse modo, destacamos alguns autores como Pestalozzi, que defendeu um trabalho pedagógico abarcando aspectos físicos e psicológicos dos educandos. Defendeu alguns princípios como, por exemplo, a escola ser uma extensão da família e responsável pela formação integral do educando, o educador seguir o ritmo dos educandos, observar as suas descobertas e estar aberto ao novo, a necessidade de o ritmo das crianças ser levado em consideração nos processos de aprendizagem, o ensino ser fomentado a partir da prática com ênfase em ciências e artes. Considerava a importância dos vínculos na facilitação dos processos ensino-aprendizagem e, também, reforçava que o conhecimento se dá a partir de situações práticas.

A experiência de Henri Wallon contribui com o crédito ao clima emocional da sala de aula, onde educandos e educadores se empenham nas suas relações afetivas e movimentos de escuta para o empoderamento dos processos cognitivos. O ser humano, ou a criança, necessita sentir-se parte do meio, interagir, vivenciar diferentes experiências, sentir-se único, ter sua individualidade, reconhecer-se diferente, ter suas particularidades respeitadas. Para Henry Wallon, a criança é um ser original e não pode ser fragmentada, portanto, o professor necessita mediar os processos de aprendizagem, aproximando todos aos diferentes saberes.

Paulo Freire pontua em sua obra que o educador leva os educandos a conhecerem os conteúdos, ou seja, a fazerem uma leitura crítica e com autonomia para a construção do conhecimento. Outro aspecto a considerar para construir uma aprendizagem significativa é possibilitar espaços de aprendizagem que

valorizem as experiências existentes, e oportunizar momentos para o desenvolvimento do protagonismo do estudante. Assim, ele também se percebe como parte ativa do processo. Transformar espaços de educação em ambientes acolhedores, que propiciam o diálogo, passa a ser uma referência capaz de sustentar a formação dos estudantes, formação esta capaz de transformar realidades.

No ano de 1680, João Batista de La Salle idealiza e começa uma obra voltada para a educação. Ele percebeu que em meio aos constantes conflitos em que a França estava envolvida, onde imperava a miséria do povo, oferecer uma educação de qualidade foi a forma de minimizar a lacuna social que existia na época. Desde então, um grande desafio une os educadores lassalistas, que é a dedicação pelo exercício docente e dedicação em todas as ações no sentido de aperfeiçoar as práticas educativas. Ao propor uma educação em que o afeto, amor e dedicação estejam presentes, precisamos que na formação dos nossos educadores haja um olhar sobre a acolhida, sobre o cuidado, além de desenvolver competências nos educandos com firmeza e amorosidade.

## Referências

- AUSUBEL, P. D. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos**: Uma Perspectiva Cognitiva. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2000.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 65. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS. **Declaração sobre a missão educativa lassalista**: desafios, convicções e esperanças. Roma: Casa Geral, 2020. Disponível em: <<https://www.lasalle.org/wp-content/uploads/2020/11/Declaracao-sobre-a-Missao-Educativa-Lassalista-WEB-1.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- PESTALOZZI, J. H. **Ecrits sur la Méthode**: Tête, coeur, main (Volume I). Le-Mont-sur-Lausanne: LEP Editions, 2008.
- PESTALOZZI, J. H. **Ecrits sur la Méthode**: **Esprit de la Méthode** (Volume III). Le-Mont-sur-Lausanne: LEP Editions, 2009.
- LA SALLE, J. B. de. **Guia das Escolas Cristãs**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012a. Coleção Obras Completas vol. III.
- LA SALLE, J. B. de. Guia das escolas cristãs. In: LA SALLE, J. B. de. **Obras completas de São João Batista de La Salle**. v. 3. Canoas: Unilasalle, 2012b, p. 7-317.
- LA SALLE, J. B. de. **Meditações para todos os domingos do ano**. v. 2. Canoas: Unilasalle, 2012c.
- LA SALLE, J. B. de. **Ecrits sur la Méthode**: Tête, coeur, main. Le-Mont-sur-Lausanne: LEP Editions, 2008.
- LA SALLE, J. B. de. **Ecrits sur la Méthode**: Esprit de la Méthode. v. 3. Le-Mont-sur-Lausanne: LEP Editions, 2009b.
- MASINI, E. F. S.; MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa na escola**. Curitiba: CRV, 2017.
- MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**: a teoria e textos complementares. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

SARNOSKI, E. A. Afetividade no processo ensino-aprendizagem. **Revista de Educação do IDEAU**. Getúlio Vargas. v. 9, n. 20, p. 1-13, 2014.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Ed. Estampa, 1975.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.